

A *Ceia dos Cardeais*, uma jóia da dramaturgia portuguesa

Emeric Lévy

A célebre peça do médico **Júlio Dantas**, levada à cena pela primeira vez no antigo **Teatro D. Amélia**, em Lisboa, na noite de 24 de março de 1902, tornou-se espetáculo aplaudido, a partir dessa data, em quase todos os países da Europa, e mesmo na América Latina, sobretudo no Brasil.

Na Alemanha, o drama ganhou duas traduções, a de Louise Ey e a do Barão E. von Unghörn-Stenberg, e, em Hamburgo, a 10 de fevereiro de 1904, a peça foi representada diante de um público estrangeiro, cujo sucesso se repetiu em Berlim, em janeiro do ano seguinte.

Idêntico resultado verificou-se em Viena d'Áustria, em outubro de 1908, bem como na Itália, com tradução de Diego Angeli, apresentada no **Teatro Lírico de Milão** e depois em Roma, na noite de 24 de janeiro de 1910. Na França apareceram várias traduções da *Ceia*, uma delas de Celestino Soares, impressa em Lisboa, mas foi a versão de M. Varin d'Ainvelle que, desde logo, ganhou o palco da **Comédia Francesa**, incluída no repertório do ator Signoret.

A tradução espanhola deve-se a Dom Francisco Vilaespesa, sendo

apresentada em castelhano com extraordinário êxito, no **Teatro Novedade**, em Barcelona, na noite de 25 de outubro de 1912. Seguiram-se apresentações na Inglaterra (versão de H. A. Saintbury) no **Globe Theatre** de Londres, em 1926, depois da apresentação na Suécia com tradução de Goran Biorkman, em 1918, além de outra em Lauzzane, na Suíça, a 6 de fevereiro de 1913, bem como na Argentina, onde a *A Ceia dos*

Cardeais foi representada no **Teatro San Martin**, de Buenos Aires, na noite de 24 de novembro de 1920.

Em 1952, por ocasião do transcurso do cinquentenário da peça, o feliz evento foi celebrado pelo descerramento de uma lápide no teatro em que se realizou sua primeira apresentação, em Lisboa, tendo a **Clássica Editora** dado a lume, nessa ocasião, a 41ª edição da obra, ilustrada por **Alberto Souza**, hoje raridade disputada pelos bibliófilos.

O conteúdo do drama

O tema da peça, de um só ato, é bem simples. Numa noite, três cardeais, um espanhol, outro francês e o terceiro português, se encontravam na sala do Vaticano, no pontificado de **Benedito XIV**, em pleno século XVIII, onde, após a ceia servida por dois fâmulos, passaram a disreterar sobre política, acabando, no sentimento do amor, que os três experimentaram na mocidade, quando nenhum deles havia pensado em abraçar a carreira eclesiástica.

Cada monólogo, entrecortado pelas deixas de um e outro purpurado, reflete a índole do povo a que pertence o personagem, tocando ao

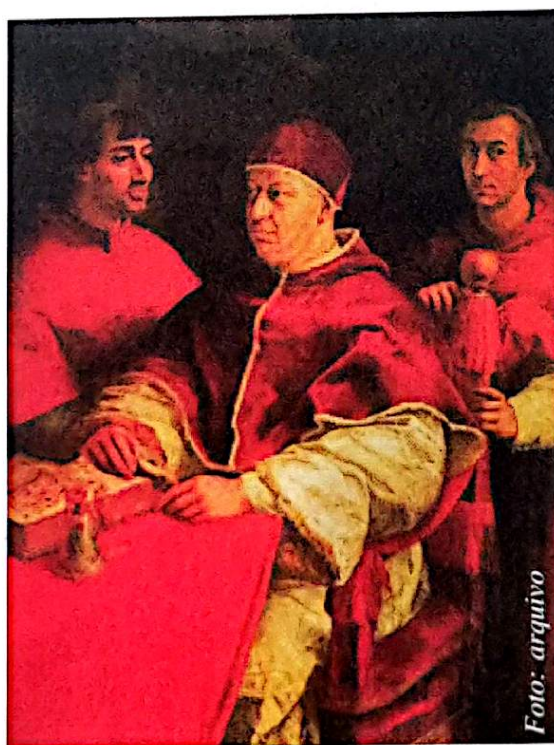


Foto: arquivo

cardeal Rufo interpretar a alma espanhola, enquanto o cardeal de Montmorency traduzia a galanteria francesa. O cardeal Gonzaga de Castro, de 81 anos, lembra a ternura e a simplicidade desse afeto, na terra lusitana: "Como é diferente o amor em Portugal / É o amor coração, é o amor sentimento / Uma lágrima... um beijo... uns sinos a tocar / Um parzinho que ajoelha e vai se casar, tão simples, tudo / Amor, que de rosas se inflora: em sendo triste canta, em sendo alegre chora / O amor simplicidade, o amor delicadeza... / Ai, como sabe amar, a gente portuguesa!"

As primeiras apresentações no Brasil

Em São Paulo, como anotou **Antônio Barreto do Amaral** (*História dos Velhos Teatros de S. Paulo* - 1979) a primeira apresentação da *Ceia* deveu-se à **Companhia Dramática Portuguesa**, de Eduardo Vitorino, no **Teatro Santana**, que existia na Rua 24 de Maio, nos últimos dias de 1905, retornando ao palco na segunda quinzena de 1906, sem despertar, todavia, o interesse do público.

A memorável apresentação da peça de Júlio Dantas no **Teatro Municipal**,

em São Paulo, coube a um grupo de amadores, em janeiro de 1920. O fato é narrado com minúcias por **René Thiollier**, que interpretou o papel do cardeal Rufo, ficando reservado o do prelado francês a Aguiar D'Andrada, o qual já conhecia sobejamente o texto, por experiência anterior, enquanto o do português ficava com o poeta e futuro Prefeito da Capital, Goffredo da Silva Telles (cf. *Episódios de Minha Vida*, p. 68-74, 1956).

Encarregou-se do ensaio geral a atriz Clara Della Guardia, ao passo que os papéis dos fâmulos tocaram aos jovens **Caio da Silva Prado Júnior** e **Alberto Pinto**, e espetáculo foi recebido pela imprensa com rasgados elogios, em que se destacava a atuação dos três intérpretes, já conhecidos do público paulistano em virtude da representação do *Contratador de Diamantes* no mesmo Teatro Municipal, promovida pela Universidade Feminina, fundada por **Altina Jardim**, com apoio de senhoras da sociedade paulistana, lembradas pelo memorialista.

A peça ganha a telinha da TV

Nos anos 50, entre nós, a peça ganhou as luzes da ribalta no Rio de Janeiro, a princípio no **Teatro Royal**, com Jaime Costa, João Villaret e Sérgio Cardoso, este último no

papel de cardeal Montmorency, sendo o espetáculo reapresentado no **Teatro Leopoldo Froes**, em São Paulo, e na antiga **TV Tupi**, com a participação de **Procópio Ferreira**.

Outras apresentações se seguiram no Rio de Janeiro, ainda, sob a direção de **Bibi Ferreira**, no Teatro Municipal e no Teatro Comédia Nacional, ganhando a

telinha da TV Record em 1954 sob a mesma direção, contando com o talento de Sérgio Cardoso no citado papel, ao lado dos co-atores Jaime Costa e Manoel Durães, que participaram da encenação levada a efeito, mais tarde, no Teatro Municipal de **Campinas** em 1955.

Merece registro o trabalho da atriz ítalo-brasileira **Nydia Lícia**, na direção do espetáculo transmitido pela **TV Cultura**, em 1975, no qual os atores Raul Cortez, Sady Cabral e Rodolfo Meyer interpretaram os três cardeais, com magistral desempenho que, sensibilizou os milhares de telespectadores da histórica transmissão, sobretudo no tocante ao monólogo do cardeal Gonzaga, referindo-se à menina-moça que ele tanto amou: "Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda... / E, numa noite, a minha alma, a minha luz, morreu!"

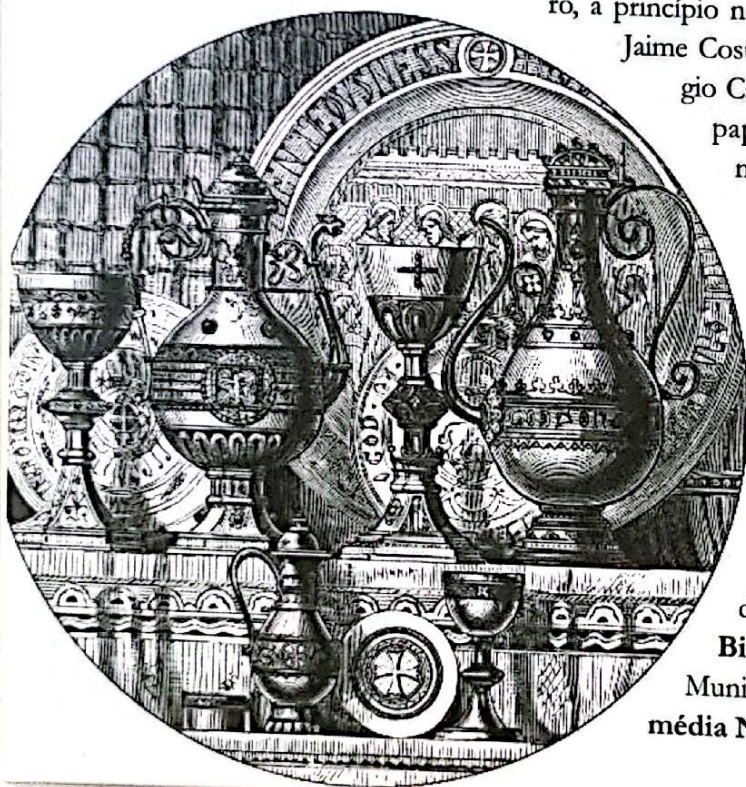
E prossegue o cardeal num tom angustioso: "Deus, se m'a quis tirar, pra que foi que m'a deu?/Para quê? Para quê?/Ai! pois não via Deus que eu tinha coração!/Não via! Ah, não via! Não via! /Julgou que de um amor outro amor refloria/E matou-me... E matou-me! (...) Afinal, foi esse anjo, ao morrer, que me fez cardeal! / E eu hoje sirvo a Deus/a Deus, que m'a levou! ..."

Nesta última cena, o cardeal Rufo e o de Montmorency, limpando uma lágrima furtiva, enquanto as 11 horas soam no Vaticano, exclamam:

"Foi ele, de nós três, o único que amou."

Emeric Lévy

é Desembargador - Coordenador do Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo - Professor de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie - Membro da Academia Paulista de História - do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito e Sócio-titular do I.H.G.S.P.



Homenagem a Octávio de Mesquita Sampaio

Guido Arturo Palomba

Estamos aqui a comemorar o Dia do Médico, como todos os anos o faz a nossa Associação Paulista de Medicina, cuja solenidade foi introduzida por Eurico Branco Ribeiro e continuada pelo saudoso Duílio Crispim Farina.

Tradicionalmente a nossa Associação presta homenagem a pessoas de grande destaque na Medicina e hoje coube-nos a honrosa missão de saudar o ilustre Professor Octávio de Mesquita Sampaio e, com muito júbilo, recordamos um pouco de sua laboriosa e fecunda vida.

Formado em Economia e em Direito, iniciou a sua carreira funcional em 1945, na Caixa Econômica Federal, como Tesoureiro, aposentando-se como Procurador Judiciário. Foi também Assessor Jurídico da Empresa Municipal de Urbanização (Emurb), onde se distinguiu pelo acendrado zelo às causas que abraçou.

Octávio de Mesquita Sampaio, em suas múltiplas atividades, é dedicado à cafeicultura e à pecuária, e, devido a sua capacidade inata de liderar, tornou-se vice-presidente da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona Bragantina e, durante muitos anos, vice-presidente da Associação Brasileira de Criadores.

Octávio de Mesquita Sampaio, na área cultural, é um homem de grande prestígio e, dentre as inúmeras entidades a que pertence, merece destaque o respeitável Clube dos 21 Irmãos Amigos, do qual foi Diretor Tesoureiro, Vice-presidente e Presidente, cujos mandatos exerceu-os a nos deixar um verdadeiro paradigma de civismo, de ordem e de progresso.

É importante lembrar que Octávio recebeu, em 2001, o título de Homem do Ano da Ação Social, e o charmoso Troféu Moringa, oferecido anualmente pela Confraria Tertúlia Pensão Jundiá,

dos queridos intelectuais Mariazinha e Geraldo de Camargo Vidigal.

Mas alguns dos senhores certamente estão querendo saber por que a diretoria da Associação Paulista de Medicina escolheu, por unanimidade, homenagear esse grande brasileiro, no Dia do Médico, não sendo ele médico, mas economista, advogado, cafeicultor e pecuarista.

Sim, escolhemos porque Octávio de Mesquita Sampaio é um dos grandes nomes de todos os tempos, ligados à quadricentenária Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em cuja sagrada entidade se iniciou como Irmão Remido, depois Vice-mordomo do Hospital Central, depois Vice-provedor, e Provedor, com a morte do Professor Waldemar de Carvalho Pinto. A seguir, foi eleito Provedor, e recentemente reeleito, com mandato até 2005.

Recordando, a Santa Casa de São Paulo é o nosocômio mais antigo do Brasil, fundada em 1543 para uns, ou 1584 para outros. Inobstante a controvérsia, são mais de quatrocentos anos de socorros, o que torna impossível calcular o número de atendimentos prestados.

Para dar uma idéia da dimensão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, apenas no primeiro semestre deste ano já realizou cerca de 1 milhão de atendimentos ambulatoriais, meio milhão de atendimentos de emergência, mais de 20 mil cirurgias, 50 mil internações, quase meio milhão de diagnósticos por imagem, 1 milhão e 300 mil exames laboratoriais.

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sob o eficientíssimo comando de Octávio de Mesquita Sampaio, compõe-se do Hospital Central, do Hospital de Psiquiatria da Vila Mariana, do Hospital Geriátrico D. Pedro II, do Hospital São Luiz Gonzaga, do Hos-

pital Vicentina Aranha, em São José dos Campos, do Hospital Professor Doutor Waldemar de Carvalho Pinto, em Guarulhos, do Hospital Santa Isabel, do Colégio São José e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que foi a primeira classificada no provão entre as faculdades de Medicina particulares do Brasil.

Octávio de Mesquita Sampaio, na Irmandade, é querido por todos, desde enfermeiros, funcionários, diretores, professores, médicos, até os pacientes, devido ao trabalho que desenvolve, que tem, no fundo de tudo, o espírito cristão de benquerência, benquerência aos que necessitam de ajuda, o mesmo espírito de Luz, Luce, Lucas, o padroeiro dos médicos, do dia 18 de outubro, que ora comemoramos.

Quando nós soubemos que nos caberia a honra de saudar o querido mestre Octávio de Mesquita Sampaio, conterrâneo em Itupeva, nos disse o cerimonial que o período não poderia ultrapassar os cinco minutos, porque viriam outros oradores.

Então, terminado o nosso tempo, agradecemos ao Professor Octávio de Mesquita Sampaio, em nome de toda a Diretoria da Associação Paulista de Medicina, de modo especial do nosso Presidente José Luiz Gomes do Amaral, pelo seu trabalho de legítima benemerência, e o fazemos oferecendo a singela placa de prata como símbolo do nosso reconhecimento, no dia de São Lucas, santificado Dia do Médico.

Peço, por especial gentileza, que o auditório aplauda o nosso homenageado.

Guido Arturo Palomba
é Presidente da Academia
de Medicina de São Paulo

Celestino Bourroul, um exemplo de vida

Yvonne Capuano

A família Bourroul origina-se de Antibes, França. O patriarca Antoine Joseph, ávido por aventuras, contava aos filhos histórias sobre terras remotas, entre elas o Brasil. Etienne, um deles, resolveu conhecer o país e, por volta de 1830, desembarcou na Província de São Paulo, onde decidiu estabelecer-se no comércio. Bem-sucedido, chamou os irmãos Camilo e Celestino.

Casaram, constituíram família e multiplicaram-se. Descendentes dos Bourroul, os primos Paulo e Sebastiana uniram-se, em São Paulo. Dessa união nasceu, em 13 de novembro de 1880, o único filho, Celestino, que seria considerado no futuro um dos mais conceituados médicos do Brasil.

Celestino Bourroul aprendeu as primeiras lições na escola do Padre Hipólito, completadas depois no Colégio São Luís de Itu, que desde 1867 recebia famílias de nível econômico e cultural elevados. Matriculado nessa escola aos 13 anos, logo os professores notaram que se diferenciava dos demais alunos pela inteligência e aplicação. Concluído brilhantemente o curso de Humanidades, retornou a São Paulo. A vocação da nova carreira manifestara-se: Medicina. Pretendia seguir a trajetória do pai, Paulo Bourroul.

No início de 1899, viajou para a Bahia, onde se matriculou na Faculdade de Medicina de Salvador. Não optou pelo curso existente no Rio de Janeiro porque a cidade apresentava surtos periódicos de febre amarela e varíola.

Sobressaindo-se notavelmente pelas notas obtidas durante o curso, graduou-se com distinção, em 1904. A tese de formatura, obrigatória na época, escolheu-

a pelo interesse em redigir um trabalho inovador: *Mosquitos do Brasil*. Uma viagem à ilha de Itaparica, rica em beleza, proporcionou-lhe a possibilidade de realizar o trabalho de pesquisa. Celestino criou um mosquito no ambiente da água das bromeliáceas. Descreveu assim sete novas espécies, das quais uma com certeza foi por ele descoberta, o que trouxe importante contribuição para a Parasitologia. A dissertação, que consideraram de grande importância à Medicina, proporcionou-lhe nota máxima, lamentando a banca não existir o *louvre superior* para premiá-lo. Recebeu, entretanto, a distinção de *laureado*, que conferia ao aluno de destaque pela inteligência, pelo excepcional aproveitamento e pela conduta exemplar, o prêmio de uma viagem à Europa.

Em 1904, voltando a São Paulo, preparou-se para ir à França, onde se aperfeiçoaria. Lá estudou com o Professor Grasset, médico de fama internacional, completando o aprendizado no Instituto Pasteur de Montpellier, onde o famoso bacteriologista Professor Rolart chamou-o para que organizasse o curso de Microbiologia. Em Berlim, para onde seguiu, estagiou no laboratório de Anatomia Patológica do Professor Orth. Terminados os estudos, partiu para Viena, onde se especializou em Clínica Médica, Radiologia e Anatomia Patológica.

Retornando ao Brasil, instalou consultório em São Paulo. Aproximou-se dos cientistas, intelectuais e religiosos, porquanto desde jovem se mostrava católico fervoroso, demonstrando-o



pela homenagem que fizera à Virgem Santíssima no preâmbulo de sua tese.

Aos 30 anos era médico consagrado. A afeição de Adolfo Lutz, o cientista que o orientara na dissertação de formatura, os artigos escritos nos renomados centros médicos da França, Áustria e Alemanha, tudo contribuiu para torná-lo conhecido e respeitado. O binômio Bourroul-Lutz durante anos orientou pesquisadores como Osvaldo Cruz, Carlos Chagas e Artur Neiva.

Em 1912, casou-se com Maria da Conceição Monteiro de Barros, estudante da Escola Normal Caetano de Campos, na época com 19 anos. O casal teve oito filhos e viveu unido por mais de 30 anos. Depois que a perdeu, Celestino Bourroul jamais tirou o luto.

Em 5 de agosto de 1914, assumiu na Faculdade de Medicina a Cátedra de História Natural Médica, denominada mais tarde Parasitologia. Em 1921, estabelecido um convênio técnico-financeiro com a Fundação Rockefeller dos Estados Unidos, aceitou ser o seu representante. Acompanhou com muito interesse a construção da Faculdade de Medicina, iniciada em 1928 com o auxílio de Júlio Prestes, então presidente do Estado de São Paulo, e o apoio da Fundação, que o fez com o trato de se construir também o Hospital das Clínicas. O edifício seria inaugurado em 1930. No ano seguinte, a Faculdade era equiparada aos melhores padrões federais e, em 1934, integrada à Universidade de São Paulo.

Em 1950, Celestino Bourroul, vice-diretor pela terceira vez, sentiu-se recompensado quando a Faculdade foi colocada entre as escolas médicas de alto nível devido ao padrão e à qualidade de ensino pelo *Council on Medical Educations and Hospitals of the American Medical Association and Executive Council of the Association of Medical College*.

Desde 7 de outubro de 1921, fora nomeado chefe da Clínica Médica do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia. O espírito de humanidade, que lhe era peculiar, fazia-o considerar cada doente um ente querido. Católico fervoroso, nas datas cristãs organizava grandes festejos. No Natal de 1937, a 6ª enfermaria dos homens, que chefiava, homenageou-o pelos cinquenta anos de formatura, e ele, conhecendo a todos, cumprimentou-os de leito em leito, dando-lhes o conforto necessário.

Celestino Bourroul dividia-se entre a Santa Casa e a Faculdade de Medicina, entidades que se apoiavam mutuamente. Na realidade, a enfermaria da Santa Casa era o centro onde os alunos das três escolas médicas paulistas – a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Escola Paulista de Medicina e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa – praticavam.

Algum tempo depois, motivados pelas estatísticas que, desde 1930, demons-

travam um aumento significativo de mortes por tumores malignos, Celestino Bourroul, Antônio Cândido Camargo e Antônio Prudente propuseram-se organizar um serviço especializado nessa área. Fundaram a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC), apesar de se defrontarem com o preconceito de muitos que, amedrontados, preferiam não enfrentar a doença. Durante três anos divulgaram a idéia e educaram a população, mas somente em 1943 apareceram os primeiros doativos. Dez anos depois, em 23 de abril de 1953, a Associação começou a atender o público no Hospital Central. Quando o Professor Bourroul foi indicado para presidi-lo, modestamente respondeu: "Precisam de alguém com real prestígio. Eu não serei de grande utilidade". Somente em 1957 consentiria em presidir a entidade. A APCC transformou-se, em 1974, em Fundação Antônio Prudente. Em homenagem aos serviços notáveis prestados pelo Professor Celestino Bourroul, deram à Escola de Cancerologia, órgão que congrega o ensino do Hospital do Câncer A. C. Camargo, o seu nome.

O grande médico lecionou por 37 anos, tendo como princípio a ética no amor ao doente. O trabalho, baseou-o na bondade, na paciência, na competência e no amor a Deus. Nunca deixou que a fama afetasse sua personalidade simples e humana. Exigente no ensino, tinha um caderno de assiduidade, aproveitamento, nome e fotografia dos alunos, onde assinalava o *curriculum* anual de cada um. Embora enérgico, os alunos o consideravam um mestre perfeito, orientando-os não só nos problemas médicos como pessoais.

Durante anos recebeu significativas homenagens no Brasil e no exterior. Destacamos aqui a condecoração que o imperador do Japão lhe concedeu por ter atendido graciosamente à comunidade nipônica de São Paulo. Recebeu também o título de Professor Emérito dado pelos propagandistas farmacêuticos, pelo cavalheirismo com que os atendia nos consultórios.

Exerceu inúmeros cargos: cátedra de História Natural Médica, Parasitologia (1914); cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas (1925); chefia da Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia (1931); direção do Departamento de Higiene da Faculdade de Medicina.

Honrado pela capacidade profissional, pela notoriedade na profissão e, sobretudo, pela humanidade que o caracterizava, pertencia a muitas instituições: Associação Paulista de Medicina, Sociedade Francesa de Cardiologia, Academia de Medicina da Argentina, Faculdade de Medicina de Montevidéu (da qual era professor *Honoris Causa*), Academia de Medicina de São Paulo, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (da qual foi presidente), entre outras.

Em novembro de 1950, catedrático na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na cadeira de Doenças Tropicais e Infecciosas, afastou-se por indicação médica com o diagnóstico de perturbações cardiovasculares.

Aposentado da Faculdade, com 72 anos, continuou trabalhando: à tarde atendia no consultório, que apenas deixou em 1955; e todas as manhãs frequentava a enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, das 8 às 10 horas, quando examinava todos os doentes. Seu argumento para continuar nessa rotina era "quem cuidará dos que não podem pagar?" Embora rodeado de todos os cuidados médicos, foi obrigado a deixar a Santa Casa, o que fez com imenso sacrifício.

Em 9 de outubro de 1958, faleceu Celestino Bourroul, um dos maiores médicos brasileiros. Baseou sua vida na fé, no trabalho e na bondade. Em suas últimas recomendações, escreveu: "A todos um 'Deus lhe pague' e um 'Adeus' - até no céu onde nos encontraremos um dia, sem mais separação, para sempre".

Trabalho apresentado no VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina, em 13 de novembro de 2003 - Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Salvador - BA.

Yvonne Capuano

Homenagem à doutora Marilene Rezende Melo

Nelson Guimarães Proença

A Associação Paulista de Medicina comemora a passagem do Dia do Médico, neste ano de 2003, prestando justificada homenagem a Colegas que se destacaram em suas atividades profissionais, por relevantes serviços prestados à nossa, sempre nobre, profissão.

Dentre os homenageados figura, com amplos méritos, o nome da Doutora Marilene, nascida Rezende, seu sobrenome de família, e que se tornou Rezende de Melo, por seu casamento com o saudoso Doutor Evaldo de Melo. Foi convidado pela Diretoria para saudá-la, em nome de todos os associados, convite que muito me honrou.

A responsabilidade a mim conferida faz temer que não saiba eu realçar, com propriedade, as qualidades pessoais e profissionais que sobressaíram e assinalaram a trajetória da homenageada. Vou procurar fazê-lo da melhor forma que estiver a meu alcance. Perdoem-me, de antemão, a simplicidade do texto que elaborei.

Reportando-me ao ano de 1952, devo salientar que primeiro conheci Evaldo, colega de turma de minha esposa Yvonne, quando ambos prestaram o exame vestibular para ingressar na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. De passagem, cumpre realçar que foram anos gloriosos, aqueles, para nossa Faculdade. Foi quando assistimos a uma renovação, quase completa, do quadro de catedráticos que dirigia nossa prestigiosa instituição universitária. Acompanhei, como estudante, os memoráveis concursos de professores de altíssimo nível, como Luiz Venère Décourt, João Alves Meira, Carlos da Silva Lacaz, Edmundo Vasconcelos, Bussamara Neme, Dacio Franco do Amaral, e tantos outros. Foi toda uma geração, amadurecida para o comando, quase que de uma só vez, à qual foi confiada a responsabilidade de honrar e manter a FMUSP como uma faculdade de "Padrão A". Esta qualificação lhe fora então conferida segundo os rigorosos critérios adotados nos Estados Unidos, para avaliar suas próprias escolas médicas.

Naquele momento, não só o Curso de Graduação estava altamente qualificado, como também estava sendo introduzida, em todas as áreas e de modo progressivo, o sistema de Residência Médica. Sistema este que tinha muito de pioneiro, em nosso País.

Foi nesse ambiente altamente propício à formação acadêmica que, alguns anos mais tarde, já em 1958, ingressou em

nossa FMUSP a acadêmica Marilene Rezende, que veio a se graduar em 1963. Por ocasião de sua formatura, Evaldo de Melo havia completado sua formação em Clínica Médica, no Serviço do Professor Ulhoa Cintra, de quem foi um dos discípulos prediletos. Ao se casarem, Marilene – que passou então a ser Rezende de Melo – e Evaldo, adentraram o campo da Patologia Clínica, do qual nunca mais se afastaram e rapidamente se destacaram.

E, se alcançaram alto prestígio nesta área da Medicina, foi não somente por seu espírito empresarial, empreendedor, que concretizou a proposta de criar um Laboratório de Análises Clínicas de alto nível e assegurada rentabilidade. Muito além do sucesso empresarial, o que marcou sua presença foi a percepção da crucial necessidade de elevar o nível dos Laboratórios existentes, diferenciando-os, pela qualidade, dos que estavam em mãos de numerosos aventureiros. De fato, naqueles anos 60, eram muitos os que haviam feito incursão nessa área, buscando apenas lucro fácil, muitas vezes obtido de forma inescrupulosa.

Marilene e Evaldo, no ano de 1975, publicaram uma série de memoráveis artigos, na *Revista Brasileira de Patologia Clínica*, por meio dos quais defenderam vigorosamente a idéia, então pioneira, de introduzir um programa de "Controle de Qualidade", no Brasil. Recordo-me bem desse importante momento. Eu me encontrava em Fortaleza, em 1977, participando de Congresso da minha especialidade, a Dermatologia, quando fui convidado por um dos mais prestigiosos patologistas clínicos daquela Capital, o Doutor Wander Biáfoli, para visitar seu Laboratório. Foi nessa ocasião que ele me fez convincente exposição sobre o programa "Controle de Qualidade nos Laboratórios de Patologia Clínica", que acabava de ser introduzido pela Sociedade Brasileira de Patologia Clínica. Acrescentava o Doutor Wander que isto só se tornara possível graças à visão e ao empenho do casal Marilene e Evaldo de Melo. Impressionou-me muito, então, a importância dessa iniciativa, que bem poderia servir de exemplo para outras especialidades médicas, na busca da qualidade do ato médico.

A luta por uma melhor qualidade da Medicina empolgou Marilene Melo e a aproximou do trabalho desenvolvido por entidades representativas de nossa classe. Não só participou dessas atividades, como também foi sucessivamente eleita para

cargos de Diretoria. No âmbito da Patologia Clínica presidiu a entidade estadual, depois a nacional e, logo a seguir, a Latino-Americana. Igualmente participou de Diretorias da Associação Brasileira de Mulheres Médicas, da Associação Paulista de Medicina e da Associação Médica Brasileira.

Culminando esta ininterrupta participação em entidades de classe, acaba de ser eleita para a Presidência da "World Association of Society Pathology and Laboratory Medicine", devendo desenvolver seu mandato no biênio 2003-2005. Nós todos, que a conhecemos, sabemos que irá desenvolver com brilho sua nova missão, contribuindo assim para projetar internacionalmente a Medicina Brasileira.

Somente as referências que já foram assinaladas seriam suficientes para exaltar o êxito representado pela trajetória de Marilene Melo na Medicina. Mas há ainda mais. Há toda uma produção científica, traduzida em participações e comunica-

ções em congressos médicos, bem como transformada em importantes trabalhos publicados em revistas especializadas, do Brasil e do Exterior, alguns deles premiados.

Aí temos, apenas esboçado, o perfil incomum de nossa homenageada. Poderia ter detalhado, ainda por bastante tempo, as muitas contribuições que deu à Medicina e às entidades de classe. Poderia fazê-lo, pois tenho comigo seu aplaudido *curriculum vitae*. O tempo de que disponho, contudo, é limitado. Paro, então, por aqui. Mas não sem antes me congratular com a Associação Paulista de Medicina – e com sua Diretoria – pela feliz iniciativa de estar homenageando, nesta noite, tão ilustres nomes da Medicina.

Nelson Guimarães Proença
é ex-presidente da Associação Médica Brasileira
e da Associação Paulista de Medicina

Homenagem a Pedro Geretto

José Luiz Gomes do Amaral

Médico anestesista, formado pela Escola Paulista de Medicina (Unifesp) em 1948, Doutor, Livre-docente e Professor titular de Anestesiologia da Unifesp – Escola Paulista de Medicina, Pedro Geretto é hoje chefe da equipe de Anestesiologia da Beneficência Portuguesa, hospital em que trabalha desde 1949. Foi diretor clínico do Hospital Beneficência Portuguesa e do Hospital São Paulo, doutor livre-docente e professor titular da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Medicina de Jundiaí. Chefe do Departamento de Cirurgia, presidente da Comissão Curricular e da Comissão de Reestruturação do Ensino Médico da Escola Paulista de Medicina e coordenador da Pós-Graduação *Lato Sensu* do Hospital Beneficência Portuguesa. É atualmente presidente do Departamento de Anestesiologia da APM.

Ouvimos um breve resumo da carreira do Professor Pedro Geretto. Re-

sumo adequado, que traduz uma sólida e brilhante carreira.

Mas só isto.

A apresentação é totalmente inexpressiva para quem conhece o homenageado, o Professor Pedro Geretto. Os que lhe são próximos, os amigos o tratam por "Pedro", outros, "Geretto". Chamando-o pelo nome ou sobrenome, os que bem o conhecem o têm próximo, o amam e o respeitam.

Nós, seus alunos, chamamos o nosso amigo Pedro "Professor Geretto". Nem Professor, nem sobrenome nos afastam do amigo "Pedro", mas jamais conseguiríamos ver o "Pedro" sem o "Professor".

Quem mais que o Pedro sabe ser Professor?

E, sem muito falar, mostra o caminho com o exemplo?

Quem sabe iluminar o caminho para os que o seguem?

Quem, mais que o Pedro, sabe crescer com o crescimento dos que faz crescer?

E se satisfazer ao iluminar, não buscando as luzes?

E se satisfazer ao se fazer ultrapassar?

Quem sabe como ele dimensionar equilibradamente as dificuldades?

Quem sabe como ele ouvir quando necessário e se fazer surdo e distraído, quando também se faz necessário?

Quem sabe como ele esquecer as falhas? E jamais deixar de lembrar o lado bom dos homens e das coisas?

Tenho tido o privilégio de conhecer grandes Homens, exemplos de vida; grandes Médicos, que vivem sua profissão. Grandes Professores. Que ensinam Medicina e ensinam como se vive a Medicina.

Tenho convivido com vários deles. Tenho entre eles feito muitos e bons amigos. Muitos se encontram hoje aqui.

Todos gostaria de ver hoje reverenciados. Para representá-los, no Dia do Médico, o Professor Pedro Geretto.

José Luiz Gomes do Amaral
é Presidente da Associação
Paulista de Medicina

Diagnóstico e Tratamento

Guido Arturo Palomba

A Atheneu São Paulo, uma das mais tradicionais editoras brasileiras, acaba de lançar extraordinária obra, com 1.850 páginas, intitulada *Diagnóstico e Tratamento 2004*: livro médico LANGE, dos autores Lawrence M. Tierney Jr., Stephen McPhee, Maxine Papadakis e mais 72 colaboradores. É uma tradução, primorosa, do inglês, feita por 16 tradutores, diagramado pela excelente Know-How Editorial, comandada pela competentíssima Rosemeire Carlos Pinto. O livro tem características muito marcantes, tal como avanços médicos alcançados até o momento da publicação, abordagem de todos os tópicos do atendimento básico, incluindo mais de mil doenças e distúrbios, prevenção e informações dos custos do tratamento, com acesso fácil às dosagens dos fármacos (e seus preços atualizados). Possui indicação de *web sites* selecionados e cerca de 27 mil verbetes, no índice alfabético, com três entradas, o que torna a consulta muito fácil. Recomendamos.

**DIAGNÓSTICO
&
TRATAMENTO
2004**

Lawrence M. Tierney Jr.
Stephen J. McPhee
Maxine A. Papadakis

O Baturia

Paulo Bomfim

Andávamos, o historiador Délio Freire dos Santos e eu, pelo Cemitério da Consolação à procura do túmulo de Ritinha Sorocabana, quando deparamos com o modesto jazigo de Antonio Gonçalves da Silva. O Baturia e a dama das camélias de nosso romantismo, que teve em Varela o seu Armand Duval, viveram na mesma época, numa Paulicéia que principiava a desvairar com os movimentos abolicionistas e a chegada dos primeiros imigrantes italianos e alemães. Curiosamente, é de uma ave de arribação que nasce o apelido que se incorpora ao nome do jovem português cuja última morada acabávamos de descobrir.

Baturia está intimamente ligado às lutas abolicionistas, à história do espiritismo em São Paulo e à saga do teatro em nossa terra. O local onde morou e abrigava escravos fugitivos chama-se hoje, em sua homenagem, Rua Espírita.

Na mesma época em que Fagundes Varela e Ritinha Sorocabana viviam seu tumultuado amor, entre 1869 e 1870, surge na Rua da Cruz Preta, entre as Ruas do Jogo da Bola e da Freira, próximo à casa do Professor Silveira da Mota, onde nasceu seu neto Alvares de Azevedo, o teatro Baturia. Minúsculo, com pouco mais de cem lugares, abrigava em suas apresentações estudantes de direito que antes do início dos espetáculos, entoavam em coro:

“Salve! Grande Baturia!
Com teus dentes de traíra,
Com teus olhos de safira,
Com tua arte que me inspira,
Nas cordas de minha lira,
Estes versos de mentira!”

Sob a capa espanhola do riso se escondia, no entanto, o drama da abolição, aquela chama que Paulo Eiró acendera

ao encenar pela Companhia Dramática, em 1891, sua peça *Sangue Limpo*.

Na quase clandestinidade do teatrinho, Luiz Gama deve ter declamado as “Primeiras Trovas Burlescas de Getulino” entre aplausos de Américo de Campos, Varela, Juca Paranhos e Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco, que levava à cena em 1863 um drama romântico intitulado *Olga*. Na época, a mocidade das Arcadas já cantava o hino Acadêmico que Carlos Gomes compusera em sua homenagem.

Com o dinheiro apurado com as modestas récitas, o Baturia alforriava escravos e propiciava cultos afro-brasileiros no quintal de sua casa.

Enquanto Alan Kardec publicava em Paris o *Livro dos Espíritos*, numa viela paulistana que um dia se chamaria Rua Espírita, o Baturia iniciava também suas pesquisas metapsíquicas.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematheca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira